

**Relatório: Experiência de Educação entre os Myky**

Elaborado por: Elizabeth Aracy Rondon Amarante

Apresentado no Encontro de Educação Indígena em São Lourenço de Fátima, ( MT ), fevereiro de 1982.

**CARACTERIZAÇÃO DO POVO MÝKY:**

Os Myky foram contatados em junho de 1971, na cabeceira do córrego Rico, região do rio Papagaio, MT, município de Diamantino. Eram apenas 23 pessoas vivendo arredias nas matas e cabeceiras dos córregos, por medo de ataques já sofridos sobretudo pelos índios Rikbatsa, moradores das margens do Juruena. Usavam ainda o machado de pedra.

Os Myky são classificados linguisticamente como grupo isolado. Possuem a mesma cultura e língua dos Iranxe da aldeia Cravari, região do serrado, embora haja diferenças dialetais entre os 2 grupos, e um grande desnível em termos de contato com a nossa civilização.

Logo no início do contato, a área Myky foi invadida por fazendeiros e 5 índios morreram de uma epidemia de gripe.

Os missionários da Missão Anchieta que realizaram o contato (Pe. Tomás Lisboa e outros ) optaram por uma presença esporádica, até que em 1976 começaram a residir mais diretamente na ladeia o Pe. Tomás e 2 enfermeiras leigas.

Hoje os Myky ocupam uma área de 47.000ha, delimitada, mas ainda sem decreto. Sua aldeia situa-se na cabeceira do córrego escondido. Possuem roças muito grandes de milho, mandioca braba, batata, cará, várias espécies de feijão. Conheciam o caju do mato, o pequê e colhiam vários tipos de frutas e cocos silvestres. A partir de 1975 foi introduzido o cultivo de várias plantas: cana-de-açúcar, laranja, banana, limão, goiaba, manga, ... Muitos objetos também foram progressivamente introduzidos nesses 10 anos. Machado, enxada, faca, calção, bota, panela, moenda para cana, taxo para fazer açúcar, etc. Continuam usando unicamente arco e flecha, conservam seus rituais muito ricos e todos os seus costumes.

Mais ou menos de 1948 a 1952 Roberto Meader iniciou um breve estudo da língua Iranxe mas só em 1979, a linguísta Ruth Monserrat do Museu Nacional, RJ, começou o estudo aprofundado do dialeto Iranxe e em 1980 do dialeto Myky. Estabeleceu a ortografia experimental com base na análise fonológica possível, dado o conhecimento ainda precário da escritura global da língua. Prossegue simultaneamente a análise morfológica e sintática.

Os Myky possuem um conhecimento bastante rudimentar do português, a partir da presença no grupo desde 1972 de um índio Iranxe que lá se estabeleceu e também devido ao convívio com os missionários. Mantém atualmente um contato sempre maior com a população envolvente pois a área acha-se cercada por mais ou menos 10 fazendas e a cidadezinha da colonizadora Brás Norte a apenas 43Km sendo que a estrada Tangará-Barra do Juruena passa a 6Km da porteira da aldeia.

A situação de saúde é bastante boa registrando-se apenas: verminose generalizada, alguns casos de malária, gripe, desenteria, ... Todos os myky foram vacinados contra sarampo, BCG, pólio, tétano, varíola, febre tifóide, ...

Em fins de 1979, uma das enfermeiras leigas teve que se deslocar para a área Salumã, a outra deixou definitivamente o grupo e eu fui para lá com a intenção de estabelecer uma convivência, aprender a língua e discernir um futuro processo educacional para esse grupo de 28 pessoas, sem grandes perspectivas demográficas: são apenas 4 famílias e devido ao sistema de parentesco já 4 rapazes e 2 meninas não tem possibilidade de casamento.

## ESCOLA/ALFABETIZAÇÃO COMO ESPAÇO DE ATUAÇÃO NOSSA NA ÁREA INDÍGENA

O discernimento desse processo educacional compreendia 2 aspectos: de um lado a cultura Mýky a ser conservada em seus valores fundamentais e de outro lado o progressivo contato com a sociedade branca envolvente. A preocupação básica era a partir da convivência com o povo, do conhecimento da cultura e da língua encontrar pistas para uma atuação educativa capaz de dar ao Mýky um instrumental de contato e enfrentamento com a sociedade branca numa visão dinâmica de cultura, e de algum modo organizar uma "escola" que não fosse nem transposição nem mera adaptação do nosso sistema escolar.

Pessoalmente, tínhamos tido uma experiência da problemática indígena escolar nos 2 anos de trabalho educacional com os Iranxe, embora eles já tivessem praticamente perdido o domínio da língua e estivessem num processo bem distinto de aculturação.

Tendo em conta essa experiência anterior parecia claro que também no contexto Mýky a escola seria necessária não só como instrumento catalizador dos momentos de educação informal mas também como condição de aplicar metodologias específicas (alfabetização) etc.

Por isso, apesar dos riscos, optamos por entrar por essa porta esperando apenas o momento histórico em que esse processo seria requerido pelos próprios Mýky.

### COMO SURTIU A NECESSIDADE DA ESCOLA NO POVO MÝKY

Ao longo da convivência conosco, os Mýky foram se interessando pelas nossas atividades de ler e escrever. Eram informantes nossos no estudo da língua e começaram a compreender que possuíamos um código escrito. Aos poucos eles mesmos pediam caneta e papel e iam rabiscando números e palavras. Um deles chegou até a "escrever" uma carta para meus pais: 1 página inteira de sinais gráficos simbolizando todo o elenco de animais da região.

(Nota-se que a escrita era sempre de baixo para cima e da direita para a esquerda).

Constantemente, eu falava para eles que depois eu ensinaria a eles a escrever. O tempo ia se passando, o interesse aumentava, 1 dia a conversa tornou-se mais clara e eu falei:

- Se Mýky quer eu posso ensinar para Mýky. Logo 1 das mulheres respondeu.

- " assim não. Você falar: - Você ensinar para Mýky. Esse bom nada. "Mýky ensinar para você - você ensinar para Mýky." Assim bom ".

Ficou clara a consciência que tinham de uma troca de = para = de conhecimentos e habilidades.

A partir do seu relacionamento com os Iranxe dos seu conhecimento incipiente do português, do contato com peões da estrada e conosco ( apesar da nossa preocupação em falar o mais possível a língua ) uma das grandes expectativas evidentemente era a aprendizagem do português. O interesse por saber contar era muito grande sendo comum se divertirem longo tempo contando objetos ou apenas recordando os números.

Em agosto de 80 ( o que significou mais de 6 meses sem nada organizar sistematicamente), um dia, o capitão da aldeia rabiscava ao meu lado e de repente pediu formalmente para que eu começasse a ensinar. Aproveitei o momento, sobretudo por estar sendo o chefe o porta-voz do grupo. No dia seguinte 3 homens vieram com ele e iniciei os exercícios de coordenação motora. Rapidamente formou-se 1 grupo de homens e mulheres.

Decidi não dar passo nenhum na organização de qualquer tipo de escola o sem envolver o próprio povo no processo e por isso eles mesmos estabeleceram grupos e horários: - sól a pino os homens mais os dois meninos de 12 anos já iniciados e por isso considerado adulto; - logo após, as mulheres mais 1 menina de 11 anos, casada, e por isso também considerada adulta.

Nesse momento, a proposta deles me pareceu ser: - queriam saber aquilo que o branco sabe; - os patrícios Iranxe tinham escola e professor e eles ainda não; - saber contar é coisa importante que os antigos não conheciam; - escrever significava para els uma técnica ainda misteriosa e por isso muito atraente; - queriam aprender o português.

## PROCESSO DE EDUCAÇÃO:

Global - Escola - Alfabetização.

Em apenas 10 anos de contato, os Mýky estavam portanto num momento histórico histórico muito importante. Nossa presença tinha, cada vez mais, como objetivo: incentivar e acompanhar um processo de conscientização e buscar os instrumentos pedagógicos desse processo. Não podíamos deixar de lado o fato de que os Mýky iniciavam também uma ~~primeira~~ experiência de auto-suficiência econômica:

Até o ano de 1980, os Mýky recebiam da Missão todos os objetos de uso já corrente, e era o momento de quebrar qualquer acomodação a um sistema paternalista. Tratava-se pois de: iniciar o processo VEVDA-COMPRA e ao mesmo tempo, a tentativa de manter o sistema social mýky de trabalho em mutirão e partilha de bens, tão contrário a mentalidade nossa de consumo e individualismo.

Era nesse contexto histórico do contato, que nos colocávamos a dupla pergunta:

1. Qual o sentido de uma escola para os Mýky?  
Qual o objetivo? Quais as dificuldades e riscos?
2. Porque e para que alfabetizar?

Em que língua e com que metodologia alfabetizar?

A passagem de uma sociedade ágrafa para os primeiros passos da alfabetização traz evidentemente problemas de ordem cultural, linguística, pedagógica e didática. Todo esse processo já muito complexo por si mesmo, nunca é neutro, mas afirma-se como um processo fundamentalmente político.

Como já falamos acima, a escola nos aparecia necessária como instrumento catalizador de toda a conscientização sistemática ao longo da convivência nossa com os mýky, mas também como "lugar" mais definido de uma pedagogia educacional que incluía o ensino de técnicas específicas para uma instrução-aprendizagem que necessariamente de tipo mais formalizada.

A alfabetização como tal não foi considerada apenas como um meio de enfrentar o mundo branco e a ele de se equiparar.

Sua opção nos deixava bem conscientes de que o nosso ~~processo~~ sistema escolar é opressor e alienante e que era fundamental buscar formas vivas e criar alternativas que não fossem meras adaptações que cedo ou tarde, se manifestariam abafando ou destruindo a cultura Mýky.

Ao escolhermos a alfabetização na língua materna, tínhamos em conta que só na língua Materna alguém pode "se expressar como ser social e individual" mas consideramos o seguinte: - Do mesmo modo que todo alfabetizado adquire maior capacidade de "dizer a sua palavra" e expressar a sua visão do mundo, assim também para as sociedades ágrafas a escrita é uma aquisição cultural em si. Uma cultura oral ao ser transportada para o código escrito se enriquece e se amplia.

Não podíamos esquecer no entanto, que na realidade da situação de contato, o aprendizado do português é absolutamente necessário, e que o Mýky não tendo ainda consciência da utilidade de ler e escrever na sua língua como valorização de sua própria cultura, só tem por enquanto a expectativa de que a alfabetização em Mýky seja a ponte para a aprendizagem do português.

Não podemos nem ignorar nem eliminar essas etapas no processo educacional.

## INTERFERÊNCIA - ESCOLA/ALFABETIZAÇÃO:

Toda cultura é dinâmica e todo o povo sofre inevitavelmente uma série de interferências positivas ou negativas. É evidente que a evolução cultural do povo Mýky nunca esteve nem está ligada unicamente a nossa presença na área. No entanto essa nossa presença sendo uma real interferência poderá também ser colaboração no dinamismo histórico desse povo. Por maior razão ainda a escola Mýky é uma interferência: simplesmente por ser escola; por se tratar de apenas 10 anos de contato; visto a língua ainda estar sendo analisada.

Essa escola só terá um saldo positivo, caso contribua para a preservação e valorização da cultura e da língua Mýky; para a defesa desse povo frente aos mecanismos de absorção da sociedade envolvente;

para transmissão de novas técnicas de aprendizagem exigidas nas diversas fases de contato.

A escola teve seu início em agosto de 80 unicamente com aprendizagem de contar e exercícios de controle motor. Enquanto isso eu tentava com auxílio da Ruth, elaborar um pequeno roteiro de alfabetização a partir de uma reformulação da ortografia inicial com base no Iranxe. Logo de início me defrontei com os seguintes problemas: - todo movimento manual de artesanato deles sendo da direita para a esquerda a escrita teria que exigir aquisição de hábitos contrários; - todos eles tinham grande dificuldade no traçado da linha oblíqua; - a visualização dos objetos difere da nossa: o Mýky contempla uma foto ou desenho em qualquer posição (em pé, seja deitado, ou de lado). O Mýky conta na mão: 2, +2, 1 sozinho e o resto é muito. Seria importante esse esquema binário de numeração.

Em novembro de 80 Ruth foi até a aldeia conseguimos coletar e analisar material então preparei a início da alfabetização Mýky. Uma das preocupações era apresentar o mais possível a realidade e a vida da aldeia como ambiente tribal e valorização do que é deles. Por isso usamos fotos de animais, objetos, pessoas, e cenas da vida da aldeia, que serviam como motivação e ilustração das palavras geradoras. Também usamos desenhos deles, mas nessa primeira etapa os Mýky ainda estavam numa fase muito inicial do desenho. Note-se que o Mýky nunca teve desenhos corporais bem traçado de cestaria e por isso nunca tiveram o hábito do desenho.

As palavras geradoras foram escolhidas de modo bastante precário porque eu não dominava suficientemente a língua para uma conversa capaz de captar esses aspectos, e o estudo da língua só permitia um pequeno número de palavras em que não haveria risco de erro na ortografia.

Sendo assim escolhi as palavras em parte pelo que eu mesmo já conhecia da mitologia e dos costumes Mýky. (A mitologia Iranxe Mýky foi toda pesquisada pelo Pe. Adalberto Olanda Pereira na aldeia de Cravari)

Os critérios usados foram: palavras adequadas do ponto de vista linguístico e ao mesmo tempo de grande conteúdo cultural a fim de serem também de forte motivação. As palavras usadas nessa primeira etapa foram:

POKU, arco: cultura artesanal masculina de importância básica na subsistência do povo.

PATÁKA, macaco: caça muito apreciada e abundante na região.

ATOHU, peneira: cultura artesanal das mulheres, objeto de uso diário.

MÝKY, gente: também é a auto denominação do povo.

KURATU, milho: alimentação tradicional do povo com que eles fazem a bebida ritual.

Assim foram introduzidas as famílias do P, T, K, M, R, e a nasal com todas as vogais do idioma. Para o processo da ficha de descoberta foi usado o quadro silábico e fichas individuais. A criatividade na descoberta das palavras foi no entanto muito restrita. Usamos também vários tipos de jogos para fixação e composição de palavras.

Até agora não adotamos a letra cursiva mas eles leem e escrevem a letra de forma.

A dificuldade linguística de composição de textos trouxe problemas bastante sérios atrasando o hábito da leitura de frases inteiras.

Também por todos estes motivos resolvemos inverter o processo e fazer primeiro uma alfabetização pura e simples sem preocupação de discussões conscientizadoras sobre os temas. (elas aconteciam muito mais informalmente fora da escola). Mais tarde, quando eu dominar melhor a língua e quando eles já puderem escrever correntemente então eles mesmo comigo poderão elaborar os textos que serão objetos de discussão.

Após essa primeira etapa de apresentação: ~~do texto~~ foto, palavra, palavra dividida por sílaba, ou então da criação das palavras com as fichas silábicas passei a exercícios de leitura de palavras sem a foto ou desenho. Observei então uma dificuldade real de decodificação do código escrito. Liam perfeitamente a palavra e não relacionavam símbolo e significado. Essa dificuldade persiste para alguns, mesmo depois de diversas tentativas com certo êxito. É um problema fundamental a ser aprofundado e que exige pesquisa de nova metodologia.

Essa busca de métodos adequados me levou a tentar observar mais os processos próprios da aprendizagem Mýky.

Fazer outra matriz.

Não existe um ensino formalizado mas existe certamente uma aprendizagem formalizada, sempre na base do ver FAZER - ADQUIRIR HÁBITOS  
ESCUTAR - REPETIR - MEMORIZAR

É espiciando e fazendo que a menina de 9 anos aprende a fiar algodão e fazer o pote, e não há...  
O fato de que espiciando e fazendo...  
nicação entre 2 pessoas que não se conhecem...  
repassando vocabulário...  
metade: 1 perguntava: Como fiamos? Fiamos algodão, fiamos... e todos um por um repetiam, memorizando. Essas 50 palavras foram fixadas desse modo. O mesmo faziam com os nomes em inglês. Interessante que uma das mães usava o mesmo método para ensinar a sua filha de 1 ano o nome dos animais.

Entre os iraqueus um dos homens que viu como eu criança, o pai lhe ensinou os mitos:  
"Pai falava um pedacinho e eu repetia. Outro pedacinho e eu repetia. Depois contava os dois pedacinhos para eu repetir. Assim até juntar todos os pedacinhos e eu sabia contar a história toda. Isso ele fazia toda a noite. Sempre fazia."

Creio que essa metodologia indígena deverá ser mais aproveitada no nosso sistema de ensino para eles.

O fato das crianças estarem constantemente dentro da sala da escola faz com que elas já estejam visualizando palavras participando de tudo e reproduzindo letras e palavras no chão de barro. Para elas portanto a aprendizagem será muito mais fácil.

Já nos referimos aos horários escolhidos por eles. Entre meio-dia e 2 horas é realmente um tempo vago de muito calor para qualquer atividade fora e dá margem a que homens ou mulheres vão até a roça e voltam ou que os homens ainda saiam para caçar depois da aula deles. Mesmo assim, o horário escolar não tem nada de obrigatório. Vai quem quer, quando quer. A caça e outras atividades masculinas ou femininas sempre tem prioridade. Claro que o atendimento passa a ser então quase que totalmente dependendo da frequência e do ritmo de cada um.

A escola começou em agosto de 80 e a alfabetização em fevereiro de 81. Em novembro de 81, devido as várias saídas minhas da área tínhamos na realidade 6 meses de aula fora dias seguidos de caçadas ou pescarias. Nesse tempo, houve 2 desistências de homens e 1 desistência das mulheres.

Dos 7 homens, 3 dominaram bem a aprendizagem, estão lendo e escrevendo o material dessa primeira etapa; 2 ainda apresentam muita dificuldade; 1 não conseguiu ainda entender o processo; e último é 1 rapaz um pouco aleijado e retardado mas que participa de todas as atividades e nunca é marginalizado pelo grupo.

Das mulheres: 4 dominam a perfeitamente a leitura e a escrita da primeira etapa; 1 acompanha bem mas ainda apresenta dificuldade; 3 ainda não conseguiram entender o processo.

De modo geral, as mulheres apresentam uma grande facilidade para aprender e uma grande acuidade de raciocínio crítico. O exemplo abaixo ilustra bem e explica a capacidade que tem o Myky de compreender criticamente o processo de contato pelo qual estão passando.

Durante uma conversa tentamos explicar que o Myky originalmente não usando sal, a introdução do sal agora pode ser muito prejudicial à saúde deles, sobretudo das mulheres. Eu explicava que o sal poderia "estragar" a saúde dos Myky embora eles já conhecessem o uso do sal nas visitas aos Iraqueus. Algumas horas mais tarde, uma das mulheres me aborda falando que não vai estudar. Penso que vai na roça e simplesmente concorda. Ela repete e insiste que "não vai estudar, não vai mais estudar, nunca mais vai estudar". Reparo então que ela está prestes a chorar e indago o porque disso. Ela acaba me explicando com a seguinte afirmação:

"Jurô, primeiro conhecer nada  
depois conhecer  
depois gastar  
depois produzir  
e aí você fala que não estudar"

O raciocínio era tão lógico, entendendo que se não vai estudar não se pode estudar para ter a realidade do contato que se vai alcançar.

Isso me fez refletir muitíssimo sobre todo processo, sobre a seriedade de qualquer interferência e do não controle objetivo sobre as contribuições sejam elas indiscriminadas ou refletidas, positivas ou negativas.

PERSPECTIVAS - IMPASSES - RISCOS:

IMPASSES:

- Pessoalmente o primeiro impasse para mim é o não domínio da língua e a dificuldade concreta de aprendizagem apesar de toda a acessoria linguística de certo modo até privilegiada.

\* Todo processo uma vez começado se acelera por si mesmo e dele quase perdemos o controle. Sinto falta de uma equipe mais constante de reflexão e análise.

- Na aldeia, a gente acaba abarcando as coisas as mais diversas: temos que conviver, cuidar da roça, participar do trabalho das mulheres, atender a saúde não sendo enfermeira, planejar e levar adiante o processo escolar contudo o que isso supõe de estudos e de elaboração de material todo ele feito a mão.

- Necessidades diversas de mais solicitações a nível da missão ou de CEMI para colaboração em outros trabalhos de educação indígena, exigem uma série de saídas da aldeia que se multiplicam atrasando o estudo da língua no andamento da escola.

Todos esses impasses fazem com que o processo seja muito lento. Enquanto isso já alguns se questionam sobre "para que escrever o Mýky? em português bom. FUNAI escrever, fazendeiros escrever. Mýky para quem que escrever?" A explicação de valorização da língua e da cultura da utilização no registro dos mitos e da história do povo, a mesma a de que a língua materna servirá de ponte para o português deixam os Mýky de certo modo impacientes e insatisfeitos. E é impossível por todos esses motivos apressar demasiadamente o processo.

PERSPECTIVAS:

Sinto necessidade: - aprofundar uma metodologia da matemática e elaborar material específico para os Mýky concretamente. - alargar o "currículo escolar" para noções que o branco não e que eles precisam ter, e em dias e meses da semana do ano relacionando com os tempos de plantio conhecimentos práticos de saúde utilizando tanto as ervas medicinais Mýky como os remédios nossos; a localização das áreas indígenas dos povos conhecidos e das cidades de que ouvem falar, - formalizar o ensino do português oral na escola.

RISCOS:

Todo o projeto Mýky desde o contato até a atual alfabetização, todo ele é um risco face a cultura aos costumes, a auto-determinação. O maior risco atual se refere a auto-subsistência e aos meios concretos ou sugeridos ou aceitos por nós: Por ex: a venda da seringa ou do artesanato. A venda desses produtos já está trazendo excedente e vai ser realmente incontrollável a sede de objetos desnecessários. Aplica-se aqui o raciocínio da mulher: "Primeiro conhecer nada... depois precisar..."

Como concretamente nossa atuação educacional formal ou informal poderá acompanhar e orientar esse processo evitando o mais possível consequências negativas e respeitando a auto-determinação Mýky.

Corremos o risco de apesar de toda a boa vontade, reflexão e estudo fazer uma escola Mýky que ainda acaba sendo transposição e adaptação do nosso sistema escolar.

Em termos de escola um dos maiores riscos é também devido a improvisação inevitável na situação atual concreta. E finalmente o grande risco de tornar o Mýky cobaia de nossas experiências educacionais.

